

MEDIDAS DE SEGURANÇA SANITÁRIAS

Caros espectadores, devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do Festival far-se-á mediante o cumprimento das seguintes regras, para cujo cumprimento apelamos.

1. Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Deverão pois esperar no exterior a abertura de portas.
2. Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
3. Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas, ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
4. Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
5. Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
6. O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
7. A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



38.º FESTIVAL de almada

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

02-25 de Julho de 2021

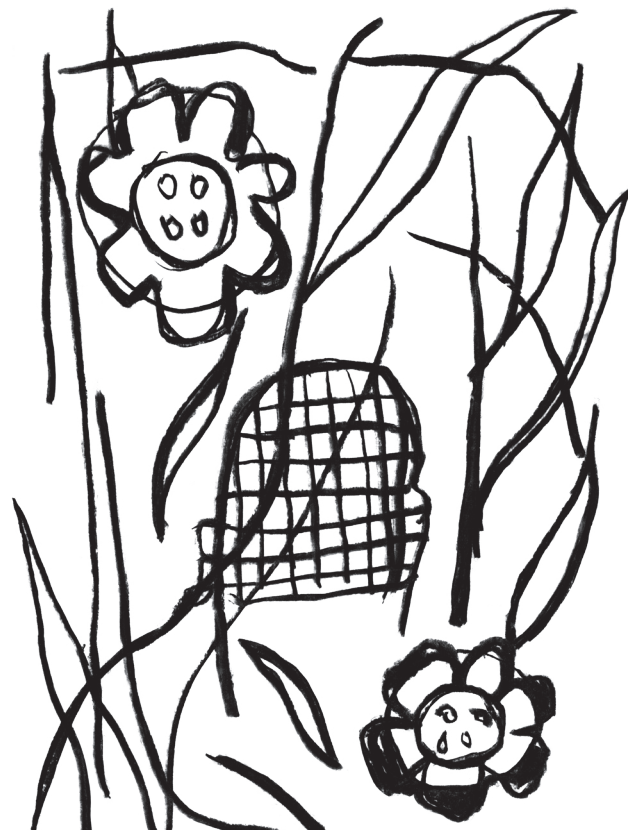


Imagem: Thomas Langley

Companhia de Teatro de Almada

ESTREIA

Hipólito

De Eurípidés
Encenação de Rogério de Carvalho

Teatro Municipal Joaquim Benite (Almada)

Sala Principal

Sex. **2** e Sáb. **3** de Julho às **20h30**

Dom. **4** às **16h**

Duração: 90 min. (aprox.) • Classificação etária: M/12

FICHA ARTÍSTICA

Tradução

Fernando Zorrer

Cenografia

José Manuel Castanheira

Figurinos

Mariana Sá Nogueira

Luz

Guilherme Frazão

Som

Andreia Mendrico

Voz e elocução

Luís Madureira

Assistência de encenação

Carolina Dominguez

Interpretação

Anabela Ribeiro

Carolina Dominguez

Cláudio da Silva

Elsa Valentim

Joana Francampos

Marques D'Arede

Miguel Eloy

Pedro Fiuza

Sofia Correia

Teresa Gafeira

O *Hipólito* de Eurípides

A tragédia grega constitui uma das maiores conquistas culturais do mundo ocidental. Ao longo do século V a. C., numerosas peças fizeram parte do universo ateniense: textos cujos temas tanto evocavam o universo da poesia épica, como também entravam em diálogo com o quotidiano dessa sociedade. A tragédia helénica desenvolvia-se a partir da tensão, da reflexão e da crítica do passado grego posto em confronto com o presente.

Entre essas peças encontra-se *Hipólito*, de Eurípides, apresentada em 428 a. C., poucos anos antes do início da Guerra do Peloponesso. Nesta tragédia debruçamo-nos sobre o desejo amoroso de uma madrastra pelo seu enteado – um tema tão polémico na época como hoje em dia. No entanto, pela forma como a peça está construída, e pela sua dinâmica intrínseca, são abordados muitos outros temas, tal como a posição social da mulher, a acção humana diante do divino, a inocência, a arrogância e a injustiça. Em nenhum momento o tragediógrafo assume uma posição moralista, preferindo contrapor diferentes pontos de vista. O espectador é levado a reflectir sobre se existe, de facto, alguém culpado pelo desenlace trágico, sem que se caia no equívoco de procurar escolher entre este ou aquele responsável pelo desastre que se constrói no desenrolar da trama.

A acção precipita-se quando Fedra, a esposa do herói Teseu, se apaixona pelo seu enteado, Hipólito. Ama-o em segredo, sem poder sequer tocar-lhe. O segredo está oculto, sob o seu silêncio, que a sua Ama procura revelar a todo o custo.

Como será a paixão da qual Fedra padece? Amariam os gregos como nós? Mas não foram eles os criadores da democracia? Sim, os gregos amavam, desejavam e reflectiam sobre tudo o que envolvia as suas vidas e o seu passado, muitas vezes representado-o como um lugar mítico, com monstros e heróis. E como se encaixa a paixão nesse contexto?

Como se não bastasse o desejo da rainha, Teseu encontra-se ausente: a própria peça não especifica há quanto tempo, nem o motivo da conduta do marido. O que se observa é a paixão de Fedra, que, lentamente, após ser revelada, se encaminha para um desfecho difícil e extremamente doloroso. Eurípides questiona-nos sobre se Fedra será a responsável pelo desenlace trágico: não serão antes os deuses, ou o próprio Hipólito, ou até Teseu, os culpados? Enfim, a paixão tudo transforma, e consegue mover todos os que estão próximos de Fedra, levando-os a um confronto trágico. | **Fernando Zorrer**